

Eu vou aprender você, arquitetura!

Reinier de Graaf

Sócio do Office for Metropolitan Architecture (OMA) desde 1996, é responsável pelos projetos na Europa, Rússia e Oriente Médio. Dirige os trabalhos do AMO, sua contraparte, responsável pelo desenvolvimento das pesquisas.

O artigo foi originalmente publicado em inglês, no periódico *Volume* nº 45 - “*Learning*” sob o título *I will learn you architecture!*, pág. 84, Archis. Amsterdam, 2015. Disponível em: <http://volumeproject.org/i-will-learn-you-architecture/>

Perto do final da década passada, o OMA/AMO foi convidado para ajudar a fundar a Strelka, uma nova iniciativa pedagógica em Moscou, que procurava acabar com a distinção entre conhecimento acadêmico e conhecimento prático. A escolha parecia perfeita, já que, desde seu começo, o AMO expandiu os limites da prática arquitetônica e a aplicação de pesquisa em novos territórios. Depois que o projeto decolou, a revista Volume convidou Reinier de Graaf para escrever sobre a experiência. Em vez disso, Reinier fez uma reflexão bastante pessoal sobre o que significa todo esse processo e os motivos que levaram a essa iniciativa.

Eu me lembro do meu primeiro emprego: Harbour Exchange, edifícios 4, 5, 7 e 8, London Docklands, 1988. Um frenesi de criação de edifícios tomou conta de Londres durante os últimos anos do reinado de Thatcher, permitindo que muitos arquitetos recém-formados, como eu, tivessem um primeiro gostinho do que era a prática arquitetônica. A qualidade dos edifícios nos quais trabalhamos, aos quais apenas nos referíamos pelos seus números, era pouca - não era uma cópia pós-moderna de Canary Wharf, mas sim uma forma boba de modernismo: máquinas apenas de fazer dinheiro. Eles foram encomendados de acordo com os chamados “contratos de projeto e montagem”, o que significa que praticamente trabalhávamos para o contratante, para quem produzíamos desenhos sob demanda sem dizer nada a mais sobre como o nosso trabalho seria executado. Minha primeira tarefa foi a de alterar as plantas dos pisos

térreo e superior de edifícios de escritórios que ainda estavam em construção. Os tetos suspensos tiveram de ser redesenhados para conter padrões de iluminação com efeito de céu estrelado e pontos fixos para pendurar lustres caso fosse necessário. O investidor tinha calculado que, com as lojas de varejo criadas nos pisos do térreo (no lugar dos pisos dos escritórios), os edifícios gerariam retornos financeiros consideravelmente maiores. Assim, essa conversão parcial foi proposta antes mesmo da construção dos edifícios ser concluída. Entre a equipe de arquitetos de categoria júnior, havia um prazer maligno ao pensar que, se desenhássemos rápido o suficiente, o processo de alteração do interior do edifício poderia tomar os andares acima e, talvez, até mesmo ultrapassar a construção que estava em andamento.

Eu tinha me formado apenas há seis meses e, devido a vários motivos, meu primeiro emprego veio como um choque de verdade. Não era nem a qualidade dos edifícios em que trabalhei que me chocou, ou a natureza gratuita de decisões como a que citei, mas, sim, o fato de que a prática como arquiteto parecia não ter nada, absolutamente nada, a ver com estudar arquitetura. O primeiro sentimento que me lembro ter como um arquiteto efetivo foi o sentimento de completa inutilidade. Meu conhecimento técnico estava muito abaixo do que era necessário, o que me fez sentir totalmente inadequado, e ninguém estava interessado nas incríveis considerações filosóficas que eu havia desenvolvido durante os meus estudos. Para esse trabalho,

eu era, ao mesmo tempo, extremamente e pouco qualificado. Foi uma experiência partilhada com outros recém-formados. Tentávamos manter nosso astral alto para nos sentirmos bem com nós mesmos. Percebíamos que era um trabalho ruim. Mas, pelo menos, era ruim e simples, já que, felizmente, não estávamos envolvidos na construção do prédio do Cesar Pelli que ocorria ao lado. O pagamento era bom e o dia a dia de trabalho ia de 9h às 17h. Ainda assim, perante um fluxo interminável de tarefas que aparentavam serem inúteis, todos os dias pareciam durar uma vida inteira.

Eu estava confiante que as coisas mudariam com o tempo. Assim que eu deixasse de executar as questionáveis decisões de projeto tomadas por outros - em arquitetura, as coisas são assim -, as coisas iriam melhorar. No final de tudo, haveria espaço para colocar em prática o idealismo que desenvolvi na faculdade. No entanto, uma vez que comecei a trabalhar para mim mesmo, tudo o que tinha me incomodado como empregado só se mostrou maior e de forma exacerbada. Dessa vez, havia bocas para alimentar. Eu rapidamente descobri que, em face das necessidades econômicas, o arquiteto é uma figura impotente em grande parte do tempo. Dizer não ou questionar as ordens de um cliente é, na melhor das hipóteses, uma questão de gentil persuasão, mas nunca uma batalha de igual para igual.

Muitos dos meus contemporâneos foram dar aulas. Alguns o fizeram assim que saíram da universidade. Para mim, isso parecia uma decisão estranha de se tomar para a própria carreira: uma espécie de desistência preventiva e precoce ao primeiro sinal de problemas. Eu também ficava pensando no que alguém que mal sentiu o gosto do mundo real poderia ter para ensinar além daquilo que ele mesmo havia aprendido apenas alguns anos antes. A reciclagem da experiência obtida a partir do contexto da própria universidade parecia um processo um pouco incestuoso, estranhamente sendo a própria referência - o que até poderia ajudar as pessoas a chegarem à formatura, mas, certamente, não iria prepará-las para a vida depois disso.

A criação de uma bolha educacional, mesmo quando estabelecida em nome da proteção da integridade acadêmica, parece um propósito autodestrutivo. Sempre adiar e nunca enfrentar o choque da prática - Deus me livre perceber a nossa própria insignificância - induz a um estado estranho da esquizofrenia. Por um lado, o aspirante a arquiteto é incentivado a ter ambições quase megalomaniacas. Por outro lado, na maioria das vezes, ele é deixado despreparado para o mundo no qual ele projeta essa megalomania. Eu não estou falando sobre uma falta de competência técnica ou profissional, mas, sim, sobre a capacidade de chegar a um acordo com uma sociedade totalmente indiferente aos seus ideais. Uma vez solto no mundo real, o arquiteto fica atordoado diante de uma total falta de autoridade, preso em uma grande lacuna entre o que ele acha que deveria acontecer e o que ele acaba fazendo.

Quanto mais fechadas as nossas escolas, mais distantes elas serão das realidades da prática. Quando a prática não está envolvida, ela tende a se tornar romantizada. No contexto da educação arquitetônica, *star-architects* têm sido transformados em divindades virtuais (às vezes, simplesmente saber que você trabalha nas imediações de um deles é suficiente para as pessoas pedirem um autógrafa...). Ainda assim, as obras dos *star-architects* representam apenas uma parte insignificante de tudo o que é construído. É uma estranha ilusão que, mantendo todos os arquitetos alimentando esse status, poderemos alcançar melhoras mínimas do ambiente construído como um todo. Na década de 1980, políticas conservadoras nos Estados Unidos trouxeram uma noção de redistribuição econômica na qual servir aos super ricos foi pensado, em última instância, como meio para a criação de uma situação melhor para todos. Ao cultivar um número limitado de arquitetos venerados como modelos para toda uma profissão, criamos nossa própria forma de "redistribuição da arquitetura".

Como profissão, a arquitetura vive um estranho paradoxo. Em termos econômicos, é uma disciplina em grande parte reativa, uma resposta às necessidades

previamente formuladas. Em termos intelectuais, ela é o oposto: um domínio visionário que reivindica o futuro. Nesse ponto, a arquitetura aspira definir os trabalhos e preceder às necessidades. A única coisa lamentável para arquitetos é que ambas as condições são igualmente verdadeiras, fazendo da arquitetura uma forma curiosa de onisciência praticada em um contexto de dependência absoluta. Isso também explica a natureza do estilo Rasputin das relações entre arquitetos e clientes. Um ex-chefe (pouco antes de me despedir) disse: "a coisa mais importante para um arquiteto é ter carisma!" Só agora, ao escrever este artigo, eu entendo o significado completo do que ele disse. O carisma - provavelmente melhor definido como parecer saber algo que os outros não sabem sem nunca revelar exatamente o que - é crítico porque, como um estado de hipnose, ele tem a capacidade de obscurecer as relações de poder estabelecidas. É precisamente a incoerência entre as reivindicações intelectuais da arquitetura e a realidade econômica que faz com que algo tão vago como o carisma tenha tamanha importância. Ele permite que o arquiteto, temporariamente, suspenda a descrença de seus clientes e obtenha vantagem na ausência de um contrato que estabeleça diretrizes explícitas. Carisma é pura psicologia, e é mediado entre a escala das ambições de um e os limites do poder do outro.

Se eu gostaria que minha educação tivesse sido diferente? Na verdade, não. O que eu queria, no entanto, é que a minha educação tivesse sido sincera sobre a importância daquilo que eu estava aprendendo; que tivesse fornecido alguma noção de contexto (o que eu estava aprendendo era, na verdade, uma forma relativamente apartada do idealismo aceito apenas por uma pequena minoria); que as considerações que existiriam no ambiente real e construído eram de uma natureza completamente diferente daquelas que estavam sendo ensinadas. Não é que eu teria feito outra escolha, nem que eu não goste da minha profissão. No entanto, com um pouco mais de informação, pelo menos, eu saberia no que estava me metendo. Ou seja, eu teria usado os seis anos de relativa liberdade intelectual de forma diferente da maneira que eu fiz. Eu teria passado menos tempo estudando os

meandros da profissão e mais tempo estudando seu contexto; teria abraçado a vulgaridade do mundo real como a única maneira de superá-la em última instância. Além disso, eu teria desenvolvido mais interesses empresariais e menos interesses artísticos, e não desperdiçaria a melhor parte do meu tempo com medo de modelos que, no mundo atual, não se permite que aconteçam. Eu teria reconhecido Le Corbusier e Mies pelo que eles realmente são: história.

A educação dos arquitetos é um fenômeno precário. Se fossem reveladas cedo demais as realidades da vida prática, provavelmente, até os otimistas e os mais fervorosos desanimariam. Seria matar o idealismo produtivo que, inevitavelmente, você precisa como um arquiteto. Por outro lado, a arquitetura precisa de um conhecimento real da prática, se é para fazer qualquer crítica significativa dessa mesma prática. A arquitetura aprende com o que se aplica e aplica o que se aprende. A formação de um arquiteto é, para sempre, a situação da galinha e do ovo, onde a teoria e a prática, o idealismo e o pragmatismo, a resistência e a entrega se enrolam em uma teia indissociável na qual nunca é claro o que prevalece. No contexto da arquitetura e seu ensino, há uma interferência permanente e inevitável entre o objeto da crítica (práxis) e o crítico (o arquiteto), que é formado na área e cúmplice daquilo que ele mesmo critica. O arquiteto contemporâneo - a tipologia humana produzida por essa educação - é geralmente condenado a ser um idealista maltratado antes mesmo que ele tenha efetivamente entrado na vida prática.

Como pode o ensino de arquitetura preparar para a prática sem que ele mesmo se degenere em uma forma de prática? A arquitetura existe em virtude de uma distância conceitual da área em que opera, como um espaço dificilmente conquistado para pensar antes de fazer (não é algo que qualquer um de nós estaria pronto para abrir mão). O período na faculdade é perfeito para cultivar e explorar esse espaço. No entanto, por essa mesma razão, também se torna difícil deixar esse momento, porque, sem dúvida, também significa deixar esse espaço

contemplativo. Aprende-se a pensar apenas para descobrir que lá fora não há tempo de verdade para pensar, que se está condenado a uma infernal corrida de ratos para acompanhar as demandas aparentemente incoerentes. Foi dessa forma exatamente a experiência do meu primeiro contato com a prática nas Docklands de Londres: um confronto entre convicções cuidadosamente cultivadas e uma absoluta falta de necessidade delas.

O ensino de arquitetura pode ser reinventado? Será que o ensino pode deixar de ser uma maneira de ignorar a prática em nome do pensamento e, em vez disso, tomar a própria prática como objeto do pensamento? Novamente, não estou defendendo qualquer forma de pragmatismo radical ou algum tipo de rendição, mas, simplesmente, uma grande curiosidade: uma ansiedade em obter uma forma de conhecimento geral do contexto e das condições em que a arquitetura é produzida e com a qual, de alguma forma, tem que chegar a um acordo. A arquitetura é um *pinball* em um labirinto de considerações e interesses aos quais os arquitetos, muitas vezes, são os mais alheios. Sujeita a segundas intenções (em grande parte, financeiras), a arquitetura é um fenômeno totalmente diferente daquele que os arquitetos acreditam ser. Mais do que um meio para fornecer o espaço, os edifícios são veículos de investimento, um pilar indispensável do sistema econômico atual e, como vimos com a crise financeira de 2008, também é uma potencial fonte de sua instabilidade. A ignorância desse mecanismo, acoplada a um excesso de confiança equivocada, cria um coquetel letal no qual, inevitavelmente, o arquiteto se torna cúmplice de causas que contradizem o que ele diz defender.

Somente quando a arquitetura enfrenta seu verdadeiro status é que isso pode ser devidamente ensinado como uma disciplina. É evidente que isso virá com um preço, já que exige honestidade em relação a todas as coisas que a arquitetura não deveria reivindicar, ou pelo menos, não exclusivamente. Uma das coisas mais importantes de se entender é que ninguém precisa de um arquiteto para construir um edifício. Quando se trata do suposto

negócio principal da arquitetura, arquitetos se tornaram, em boa parte, desnecessários. A arquitetura cria, através do projeto, o que acontece de outra forma, por padrão. Edifícios serão construídos, com ou sem arquitetos. A construção é um fenômeno que se perpetua por si só: é a montagem de um número limitado de produtos industriais padronizados, segundo a experiência dos próprios empreiteiros. O sistema de construção visto como uma ciência metódica teria morrido supostamente junto com a antiga Alemanha Oriental, mas foi esse exatamente o modelo que se tornou dominante no ramo da construção em todo o mundo. Em termos de conhecimentos técnicos, os arquitetos são constantemente ultrapassados por empreiteiros e até mesmo por alguns dos grupos profissionais formados por seus clientes. A insistência de que o trabalho de um arquiteto é o único caminho para se chegar a um edifício, com várias provas que dizem o contrário, força que a arquitetura tenha uma rotina de humilhação e autolegitimação. A grande maioria do ambiente construído é de uma feiura intraduzível e a profissão arquiteto tem feito pouco para mudar isso. O próprio histórico da arquitetura deve desencorajar suas reivindicações de exclusividade; ao insistir nisso, a arquitetura só contribui para a sua própria morte.

Qual é, então, o valor que a arquitetura “agrega”? O que se torna diferente quando há um arquiteto envolvido?

No meu ponto de vista, o verdadeiro mérito da arquitetura não está no fato de que ela cria coisas mais bonitas, mas que ela é consciente de quando faz isso; que existe algum sistema interno de crítica que sempre oferece esperança para o progresso. Apesar das pressões econômicas, os arquitetos ainda são um grupo de colegas. Eles ainda unem uma mistura saudável de competitividade com um sincero apreço pelo trabalho do outro. Há um senso comum de qualidade entre arquitetos, mesmo na ausência de um consenso geral sobre estilo. Sempre que um deles sobe para um nível excepcional, geralmente, os seus colegas são capazes de reconhecê-lo. Além disso, na maioria das vezes, uma boa

dose de pressão dos colegas desencoraja arquitetos de se envolverem em causas alheias às suas convicções. Quando o fazem, eles sabem que seus colegas lhes dão olhares de reprovação.

A outra grande diferença é que a arquitetura cultiva motivações que vão além do dinheiro. Isso faz com que ela seja uma exceção no quadro econômico atual. Eu não iria tão longe a ponto de dizer que a arquitetura não é motivada pelo dinheiro, mas há outro objetivo que em última análise substitui o dinheiro. Arquitetos não trocam seu trabalho por dinheiro. Na verdade, muitas vezes é difícil encontrar qualquer correlação entre os seus esforços e a recompensa financeira. Dificilmente, há outra disciplina que tenha trabalhado horas extras não remuneradas da forma que a arquitetura constantemente faz como procedimento padrão. Isso nem acontece tanto a pedido de clientes, mas devido a uma crença quase religiosa por parte dos arquitetos na importância do seu trabalho.

No entanto, a longo prazo, qualquer motivação desse tipo (na qual o trabalho em si é mais importante do que o salário) só será sustentável uma vez que a lógica do dinheiro esteja devidamente dominada. Em geral, a exposição de arquitetos ao dinheiro é limitada a apenas lidar com restrições de orçamento. O outro lado da economia da construção, a de retorno financeiro, na sua maior parte, continua obscura na visão do arquiteto. No entanto, é esse somatório que faz com que qualquer gasto com a construção, incluindo os honorários do arquiteto (definidos como uma porcentagem do custo de construção), seja insignificante. Os edifícios são construídos baratos demais e vendidos caros demais também. Se os arquitetos tivessem essa noção, isso não alteraria radicalmente a natureza do seu trabalho, mas também poderia demarcar uma mudança fundamental na economia dos próprios escritórios de arquitetura. Com os prêmios do seguro de responsabilidade civil dos arquitetos aumentando cada vez mais, ignorar a questão financeira está se tornando cada vez mais inviável.

Mesmo que, em um caso extremo, as motivações da arquitetura fossem exclusivamente idealistas, é importante entender que o idealismo também precisa de financiamento (os primeiros comunistas financiaram suas atividades revolucionárias roubando bancos). Para superar as banalidades do mundo real, você precisa saber tudo sobre o mundo real. Há muito tempo, a arquitetura pensou que pudesse derrotar o mundo real cultivando uma forma de esplêndido isolamento. No fim das contas, isso não funciona. Para vencer o sistema, primeiramente, precisamos entrar no jogo dele. Só quando soubermos como é o seu jogo é que podemos jogá-lo contra si mesmo. Atualmente, é o sistema que nos controla.

Quando se trata da formação dos arquitetos, o que eu proponho é uma articulação inversa entre a arquitetura e o seu contexto, um estado temporário de emergência em nossas instituições educacionais, no qual, por um tempo determinado, estudar o contexto da arquitetura tenha prioridade sobre estudar a arquitetura em si.

Quando me refiro ao contexto da arquitetura, quero dizer qualquer coisa que vá desde considerações políticas de alto nível até a lógica financeira mundana que entra nos edifícios - uma compreensão de que, qualquer outro motivo com segundas intenções, para melhor ou para pior, afeta o nosso trabalho. Exposta a quase todas as facetas desse contexto, a arquitetura está em uma posição única para extrair dele um tipo de conhecimento que nenhuma outra disciplina pode oferecer. Em um cenário dominado por especialistas, o arquiteto oferece uma perspectiva rara: aquela do generalista, o narrador que pode traduzir até mesmo a combinação mais banal dos indivíduos em uma forma de discurso. No contexto dos complexos esforços de construção, o arquiteto é o mediador que sintetiza vários e divergentes interesses em um todo integrado. Em geral, é o arquiteto que acaba agindo como porta-voz, mesmo se a complexidade técnica e financeira desses esforços ultrapassar de longe a sua competência profissional.

Apesar da ausência geral de evidências para apoiar seus argumentos, a arquitetura consegue exercer uma estranha

autoridade. Na verdade, quanto mais ela parece abandonar a noção de evidências, mais forte ela se posiciona. De alguma forma, ela é capaz de mobilizar um salto de fé que vai contra à eterna opacidade dos números. É essa capacidade que pode muito bem ser o trunfo da arquitetura (e talvez, por isso, também o que deve ser transmitido em um contexto educacional). A arquitetura é uma antiga disciplina que parece deter uma sabedoria que ninguém mais tem. Mesmo em seus momentos mais indefensáveis, a autonomia do arquiteto é dificilmente colocada em questão (o carisma ajuda nesse caso). A arquitetura é uma combinação única de soberania e submissão perante as disciplinas. Ela não precisa de ser territorial, já que o seu território está ao mesmo tempo em toda parte e em lugar nenhum.

Como a arquitetura deveria usar esse poder? Quando se trata de construção, a arquitetura é diferente de qualquer outra das atividades participantes. Ela não é uma disciplina de construção, mas, sim, uma metadisciplina. Ela descreve, cria teorias e conceitua o próprio processo no qual participa. Ela oferece a possibilidade de uma crítica partindo de dentro de si mesma. Ela é informada pela prática e ainda assim volta os conhecimentos adquiridos contra a própria prática. A arquitetura oferece espaço para a contradição (mesmo no contexto desse artigo, percebo que me contradisse pelo menos umas cinco vezes). Como consequência, a arquitetura tem o potencial único para se tornar uma força revolucionária dentro do contexto de autopropagação que acabou se estabelecendo no sistema de produção do ambiente construído. A arquitetura se torna uma maneira de derrotar o sistema: ignora a oferta e a procura, o custo e o benefício, o investimento e o retorno, as certificações LEED e BREEAM, e todos os outros indicadores de desempenho que vêm dominando a prática da construção. Quase que por padrão, a arquitetura se torna política, um questionamento da lógica onipresente e, aparentemente, inescapável lógica da economia de mercado. Em última instância, é a possibilidade alternativa de constituir uma agenda política, mesmo

quando, na melhor das hipóteses, todos detalhes permanecem somente esboçados.

Se a arquitetura quiser recuperar o terreno perdido, precisa aceitar a sua verdadeira natureza. Deve parar de fingir oferecer o mesmo conhecimento especializado que os engenheiros, topógrafos, consultores de sustentabilidade e todos os outros supostos "especialistas" que se juntam em reuniões em torno de mesas cada vez maiores (geralmente com um grande buraco no meio) a partir das quais os edifícios surgem de forma mágica. Ela não deve se envolver na conversa difícil. Somente quando pararmos de ver a arquitetura como um conhecimento profissional no mesmo nível de outras disciplinas de construção, ela poderá ser livre para dar vazão ao seu pleno potencial.

Arenas, plantas, plataforma, teatros, palcos, esferas, estruturas, fachadas, bases, fundações... As metáforas usadas para descrever qualquer coisa desde estruturas organizacionais até estratégias corporativas e agendas políticas são a prova da sempre presente força conceitual da arquitetura. Exatamente no momento em que a arquitetura parece inteiramente à mercê dos poderes constituídos, sua linguagem está sendo usada para articular as construções desses mesmos poderes. Mesmo no contexto de inovações enormes em todas as áreas de negócios e no campo da tecnologia, a arquitetura mantém um surpreendente grau de relevância. A linha de pensamento que ela tem desenvolvido ao longo dos séculos tem lhe permitido se infiltrar em outros domínios.

Por último, isso também deverá lhe permitir transcender sua mais importante limitação profissional: a obrigação de produzir edifícios. No final dos anos 1990, a redescoberta da arquitetura principalmente como um meio conceitual levou à formação da AMO. Mais tarde, foi aplicada em um contexto educacional em Strelka. Nossa missão era redefinir a arquitetura puramente como uma forma de pensar, que poderia ser aplicada a uma variedade de assuntos. Se informada dentro de um contexto mais amplo possível, ela poderia, como retorno,

informar aos outros um contexto mais amplo possível. Além de gerar uma série de projetos interessantes - projetos que não se pode esperar imediatamente de arquitetos -, talvez, em primeiro lugar, ela permitiu um avanço do nosso próprio conhecimento. Nós nos tornamos os alunos. Com a formação da AMO, dez anos depois de meu primeiro encontro com a prática da arquitetura, trabalhar e aprender com os projetos finalmente atingiu um equilíbrio: a restauração de curiosidades que não sentia desde a época da universidade, gerando um sentimento de compromisso e progresso pessoal.

"Vou aprender você, arquitetura", Herman Hertzberger costumava nos dizer quando éramos estudantes do Instituto Berlage. Em retrospecto, seu inglês ruim carregava grande profundidade, um grande conhecimento do segredo de como o conhecimento da arquitetura é transmitido: um processo recíproco no qual a resposta para a questão de "quem ensina quem" é para sempre adiada.

Tradução: Algo Mais Soluções Editoriais

Revisão Técnica: Antonio Sena